

GEOGRAFIA E O TRIPÉ DA HISTÓRIA.

Pedro Pinchas Geiger*

Resumo.

Progresso tecnológico, relações sociais e a construção social de ambientes geográficos são apresentados como vetores de instâncias, ou de sistemas de práticas, em interações múltiplas e constantes. Tais vetores são concebidos como um tripé sustentador do movimento da história.

O vetor do ambiente socialmente construído e as suas interações com os outros dois vetores são objetos particularmente focalizados pela perspectiva geográfica. O texto ilustra diferentes quadros geográficos, correspondentes à presença de diferentes modos de produção e de suas formações econômico - sociais. Por exemplo, quando a invenção das caravelas deu impulso ao mercantilismo, promovendo a ascensão social de mercadores e banqueiros, desenvolveram-se as cidades portuárias, estabeleceu-se a Liga Hanseática. Um dos quadros apresentados neste trabalho refere-se à atual globalização.

Palavras chave: Tripé da história; tecnologia; relações sociais; ambiente construído; globalização.

Abstract.

Technological progress, social relations and the social building of geographical environments are presented as vectors of systems of social practices, instances in multiple and constant interactions. Interactions inside each vector and interactions between the vectors which appear as sustaining a three legged movement of history. To Geography, the built environment and its relations with the others vectors are of particular interests. The text presents some pictures related to different modes of production or economic social formations. For instance, when the introduction of the caravel increased the shift to mercantilism and brought the social ascension of merchants and bankers, one saw the growth of port cities and the formation of the Hanseatic League. One of the described pictures refers to the present globalization.

Key words: Three legged historical movement, technology, social relations, built environment, globalization.

1. Movimentos, Objetos, Formas e os Campos do Conhecimento.

Desde o seu início (a teoria do *big bang* sendo uma das narrativas, HAWKING, 1988), o Universo se constitui de uma sucessão de movimentos que produzem objetos ou entes, que a seu turno produzem novos movimentos, que produzem novos objetos, numa sequência infundável. Os movimentos

e objetos mais recentes se inserem dentro dos mais antigos, à semelhança de *babushkas* russas. Porém, ao contrário das bonecas, inertes, no caso da história do Universo, os objetos e os movimentos interagem entre si. Os mais novos, aqueles que se inserem dentro dos mais antigos, são geralmente os que se apresentam mais visíveis. A célula viva apareceu antes da vida animal, e esta antecedeu a vida humana, porém, o visível aos olhos, são os animais e os seres humanos, não as suas células.

Um dos episódios mais recentes na seqüência dos movimentos na superfície terrestre, na escala geológica, foi o aparecimento do *homo* e de seus movimentos, seguido pelo do *homo sapiens* e de seus movimentos, e que passou a produzir história. Com a aparição do homem, novos movimentos e novos objetos produzidos pela vida social passaram a se suceder, enquanto o ambiente construído passava a substituir e a ocultar ambientes naturais.

No filme de Jean Luc Godard *Filme Socialismo* (2010), retratando um cruzeiro de navio sobre o mar Mediterrâneo, as ideias acima são sugeridas. Filósofos, entre os quais Alain Badiou, movimentam conversas filosóficas entre si, enquanto se movem, passeando sobre um *deck* do navio. O navio, por sua vez, se move sobre o Mediterrâneo. A câmara se fixa no ondular das ondas e num pôr de sol, o movimento do planeta sendo sugerido pelo sol mergulhando nas águas, no horizonte, enquanto os filósofos passeiam e falam.

O movimento da história compreende a sucessão produtiva de objetos e movimentos materiais e imateriais em contínua interação. O conhecimento leva à produção de novos objetos e novos objetos conduzem a novas teorias. O padrão do movimento da história segue a forma dos encaixamentos descrita no começo deste texto. O termo *modo de produção*, por exemplo, enfatiza formas sucessórias de estruturas sociais, enquanto o termo associado, de *formação econômica social*, enfatiza a inserção de *modos de produção* mais recentes em *modos de produção* mais antigos.

Os movimentos e objetos sociais podem ser categorizados segundo as características dos seus conteúdos, segundo a escala espacial de suas ocorrências, e segundo as formas assumidas pelos mesmos. .

No que diz respeito ao conteúdo, distinguiu-se aqui três vetores de movimentos e de objetos, formando espécie de tripé da história: um vetor de criações tecnológicas, um vetor de relações entre as populações humanas e um vetor de construção de ambientes geográficos sociais. Objetos e movimentos de cada setor, e entre os diversos setores, interagem continuamente entre si.

A rigor, a Ciência, que consiste no estudo do conjunto destes objetos e de seus movimentos, é uma só. No entanto, dada a dimensão dos

conhecimentos que se vão acumulando ao longo do tempo, e tendo em vista a complexidade crescente do *real* (cada aspecto desvelado pelos descobrimentos científicos apresenta novos questionamentos), torna-se impossível que a Ciência como um todo caiba na mente de um único ser humano. O conhecimento é social, e, de forma organizada, o saber é distribuído em área de conhecimento, numa espécie de divisão de trabalho.

Há a considerar, ainda, que, apesar da determinação de interações entre todas as práticas sociais, cada um dos seus objetos ou entes e cada um dos seus movimentos possui certo grau de liberdade. De modo que aprendizados particulares são requeridos para tratar destes objetos e movimentos. Entre as tribos primitivas as qualificações dos seus membros são praticamente as mesmas para todos os indivíduos, enquanto que nas sociedades da modernidade, mais complexas, se acentua a especialização individual. A aprendizagem de crias é comum a todas as espécies animais, como voar para as aves, caçar para os felinos; no entanto, geração após geração, eles sempre aprendem a mesma coisa, enquanto que a aprendizagem humana se modifica historicamente.

Uma racionalidade empregada para a divisão do conhecimento em campos científicos diferenciados consiste em considerar os vetores enfatizados em seus trabalhos. Que objetos e que movimentos eles devam conceituar, levando-se em conta as qualidades e as propriedades dos mesmos (DELEUZE, 1998).

A Geografia tem como seu vetor específico o referente a movimentos e objetos relacionados ao ambiente socialmente construído. Por exemplo, a conceituação de *conurbação*, a coalescência de duas cidades, surgiu no campo da Geografia, enquanto que a da *acumulação* provém da Economia. Em casos de temas que se localizam nas interações entre os vetores, a produção de conceitos pode ser compartilhada por dois ou mais saberes. O conceito de *centralidade urbana*, por exemplo, surgiu primeiro no campo da Economia, mas, passou a ser tratado, teoricamente, também pela Geografia.

Os avanços científicos recentes mostram a simultaneidade de penetração crescente do homem

no megaespaço sideral e no infinitamente pequeno, o espaço das partículas, dos genes. Desenvolvem-se as técnicas de viagens espaciais, de um lado, e de minutarização, de outro lado. Dez bilhões de dólares foram investidos na construção de um gigantesco acelerador de partículas, na Suíça, destinado à pesquisa, à procura da "partícula de Deus". O perímetro do túnel de colisão das partículas, à velocidade da luz, na forma de um círculo mede 27 quilômetros. O trato de fenômenos que ocorrem nesta escalas, extremamente altas em relação às dimensões terrestres, ou extremamente baixas em relação ao tamanho do homem, também caracteriza campos científicos diferenciados. Camille Vallaux mostrou que o campo específico da Geografia se restringe a cobrir objetos cujas dimensões se situam entre a escala do homem e a escala do planeta Terra. A Geografia estuda o rio, mas não a gota de água; a floresta, mas não a folha; a população, mas não a anatomia (VALLAUX, 1929). Note-se, por exemplo, que enquanto correntes aéreas, correntes marinhas, migrações humanas, e outros movimentos são objetos da Geografia, o estudo da luz e de sua propagação, em outra escala de velocidade, lhe escapa.

Qualquer objeto ou movimento é dotado de conteúdo e de forma. Ao pronunciar o som das diferentes letras, a boca desenha formas diferentes. A escrita de cada letra desenha uma forma própria, é a grafia, que corresponde a um som próprio, singular.

A palavra grafia se encontra inclusa no termo Geografia, um indício da ênfase da Geografia em conceituar formas. Formas inscritas nos territórios, e que correspondem a movimentos de objetos. Levando-se em conta todas estas considerações, chega-se às propriedades e às qualidades da Geografia, como sendo um setor do conhecimento interessado particularmente no ambiente socialmente construído, cobrindo objetos e movimentos cujas dimensões se situam entre a escala do homem e a escala do globo terrestre, e voltada particularmente para descrever e interpretar as formas destes objetos e movimentos.

Num período escrito um pouco acima foram citados, conjuntamente, correntes aéreas, correntes marinhas e migrações. Como justificar, então, a afirmação de que a Geografia

trata do ambiente socialmente construído e simultaneamente mencionar correntes aéreas e marinhas, fenômenos da natureza? A resposta, de natureza filosófica, coloca em questão o conceito de ambiente socialmente construído.

Ambiente construído e "segunda natureza" não são sinônimos. (A rigor, não existe sinônimos, cada termo possui algo de singular). A ideia de ambiente socialmente construído compreende qualquer interação do sujeito, o *ser*, com o espaço. (HEIDEGGER, 1992, MOREIRA, 2007). Uma interação na qual o *ser* define *entes* do espaço, como por exemplo, *território, terremotos*, ou constrói objetos materiais e imateriais, para definir novos entes, como *pomar, cidade, justiça, Estado*. Ao avistar terra, o local que seria chamado de Porto Seguro, Cabral e seus marinheiros já estavam criando socialmente um novo ambiente, que seria batizado inclusive, de Vera Cruz. Uma "segunda natureza" só seria estabelecida naquele local, quando trechos do território natural, original, fossem substituídos por edificações urbanas, ou transformados em campos agrícolas.

2. Estrutura, Níveis, Ideologia e Conjuntura.

Desde a sua aparição o homem cria objetos materiais e imateriais. Outros entes vivos também o fazem; eles se comunicam entre si e, a exemplo de térmitas, abelhas, espécies de pássaros, constroem objetos materiais. A questão é que o homem é o único *ser*. É capaz de conceituar os seus próprios movimentos e os movimentos do Universo, e a partir destas compreensões, projetar novas criações, provocando a evolução da história.

Jean Paul Sartre distingue o *ser em si*, a existência fenomenal do homem gerado, do *ser para si*, o estado resultante das escolhas sucessivas que ele, conscientemente, realiza. Num primeiro momento, concebido, o homem, existe. Depois, inserido no quadro social em que nasceu ele vai definindo a sua essência, para cuja produção realiza escolhas. Para fazê-lo, vale-se de possibilidades oferecidas pelo ambiente social de sua época e da sua capacidade criadora. Por esta razão, diz o autor, "o homem está condenado a ser livre", é obrigado a tomar decisões no processo de desenvolver o *ser para si*. (SARTRE, 1943).

Condenado a ser livre, eis uma expressão dialética em si mesma, considerada a oposição entre *condenado* e *ser livre*.

A palavra *condenado* lembra que ser livre não significa livre-arbítrio; que o homem é influenciado e é limitado pelas estruturas em que se encontra inserido. Nas linhas acima, toda vez que se utilizou a palavra *homem*, fazia-se referência, não a um indivíduo solto, mas a um *ser* que integra uma estrutura animal e social. A estrutura animal produz e define limites para o *ser em si*. A estrutura social, que se move no ritmo da história de cada lugar, também, conduz e impõe limites, para a realização do *ser para si*. As escolhas do homem se realizam segundo linhas ideológicas e políticas, inclusive na escolha de estruturas sociais existentes na sua época, ou no desejo de construir uma nova. A cada momento, esta escolha é fundamentada nos conhecimentos e mentalidades existentes num dado momento e no lugar em que se encontra.

As interações entre os movimentos e objetos dos vetores mencionados neste trabalho, que podem ser chamados de variáveis em processo, organizam *níveis* de práticas sociais. Como o nível econômico, o nível ideológico (ou o nível das mentalidades, segundo Michel Vovelle, citado por Leandro KONDER, 2002) e o nível político. A ideologia é uma acompanhante perene do conhecimento. Ela exprime crenças decorrentes de achados do conhecimento e o faz de modos antagônicos. Ela, ou sustenta aspirações por novos conhecimentos e por mudanças, ou sustenta a preservação a todo custo de conhecimentos já existentes, e de situações, a ponto de impedir a entrada de novos conhecimentos.

A perspectiva marxista define um papel *determinante* e um papel *dominante* para os níveis da estrutura social. O nível econômico seria sempre um nível determinante, que reúne entes do vetor tecnológico e entes do vetor das relações sociais, como estamentos ou classes. Já o nível dominante varia com momentos do *modo de produção* ou com a *formação econômica social* estabelecida. A **conjuntura** seria definida pelo nível dominante de cada momento, em cada local (POULANTZAS, 1974). Toda a vez que uma variável ou grupo de variáveis assume um papel de liderança numa situação social específica, ela caracteriza uma

conjuntura (BADIOU e ALTHUSSER, 1979). No feudalismo o nível dominante seria o ideológico, representado pela religião, necessário para a manutenção de um regime político, sustentáculo do sistema econômico daquela época, o do monopólio da terra pelo estamento aristocrático. Badiou e Althusser citam o caso do grande agitação causada pela afirmação de Galileu de que a Terra se movia, como exemplo de um momento em que a conjuntura colocou a ciência como nível dominante. Como definir a atual conjuntura da globalização, o nível dominante? O debate quanto ao papel do Estado parece ser o caso.

3. O Tripé e os modos de produção.

As diversas práticas sociais produzem variáveis, ou predicados, que podem ser grupados em categorias segundo critérios estabelecidos. Foi mencionado o grupamento das práticas sociais em três categorias, segundo determinadas funções atribuídas às mesmas. Uma delas fez referência às práticas voltadas particularmente à promoção das tecnologias e do saber científico. Outra categoria se referiu às práticas das relações sociais, em termos de relações pessoais entre indivíduos e de diversas formas de relações entre coletivos de indivíduos. Um terceiro grupo de práticas ou instâncias se encontra centrado na produção de ambientes socialmente construídos. Também foi mencionado que estas diversas práticas interagem entre si.

Desde o seu aparecimento no passado profundo, cujo tempo é estimado em centenas de milhares de anos, milhões, o homem se encontrava dotado, ontologicamente, das faculdades de desenvolver as práticas referentes às três categorias acima nomeadas. Nas primeiras páginas do livro de Gênese, a capacidade de conhecer do homem, narrada no mito da árvore do saber, é comparada ao conhecimento divino. As relações sociais, no plano individual, figuram na narrativa do primeiro fratricídio e as relações no plano grupal, relatam o cruzamento dos "filhos de Deus" provavelmente membros da espécie *Homo sapiens*, com as "filhas da terra" provavelmente da espécie "Neanderthal" (GÊNESIS, VI, 2). Hipótese que se funda em descobertas recentes, em sítios arqueológicos, que dão como certos a convivência e os cruzamentos

das duas espécies. Também a construção social de ambiente é anunciada, na referência a Cain edificando uma cidade e lhe dando o nome próprio do seu filho Enoque (GÊNESIS, IV, 17).

Desde o seu passado profundo o homem faz história introduzindo continuamente inovações tecnológicas. A produção do fogo, a invenção da roda, a invenção do alfabeto e dos números, a domesticação de animais, e tantos outros se contam entre os mais antigos. Processo tecnológico e processo científico se articulam intimamente. Da sua experiência com a luneta, Galileu pode ranger entre os dentes “e portanto ela se move”. No entanto os ritmos dos avanços das duas instâncias ou práticas não são os mesmos. O começo do século 20 apresentou grandes avanços teóricos da Física, como a teoria da relatividade geral, e a teoria da Física Quântica. Atualmente, o progresso se faz muito acelerado na área tecnológica, menos no campo da teoria científica. O filósofo Martin Heidegger viu no progresso da tecnologia uma forte atividade ofuscadora da Filosofia.

Quanto à articulação entre relações sociais e a formação de estruturas sociais, um olhar sobre a sua história reconhece sucessões, passando por hordas, tribos, clãs, povos, estamentos, nações, classes, Estados/Nações.

No caso do eixo dos entes geográficos, que cristalizam num dado lugar produtos tecnológicos e relações sociais, um marco importante no passado profundo consistiu na separação entre ambientes de populações nômades, de populações seminômades e de populações sedentárias. As condições do ambiente natural exerceram influência na evolução das formas dos ambientes socialmente construídos. Os entes deste eixo compreendem domicílios, campos de cultivo, pomares, pastagens, instalações de oficinas, de atelier, de fábricas, aldeias, cidades, regiões, o Estado, e tantos outros, culminando no espaço geográfico como um todo.

As ciências que tratam particularmente de cada um dos três eixos considerados, o tecnológico, o das relações sociais e o dos ambientes construídos, têm diante de si a tarefa de trabalhar com a questão das relações entre a categoria e o conceito de seus entes. No caso da Geografia, por exemplo, categorias como a de cidade, e a de metrópole,

existem há milênios. No entanto, o conceito atual de cidade, assim como o de metrópole, exige predicados diferenciados daqueles que vestiam as mesmas categorias no passado distante. O conceito que define São Paulo como metrópole não é exatamente o mesmo que definia Atenas como metrópole. Para Perry Anderson, a metrópole no conceito atual só passou a existir com o capitalismo e com a modernidade.

O conceito das diversas categorias de diversos entes cobre as interações dos três eixos em seus movimentos. Todas as categorias expressam, e sempre expressaram ao longo da história, o resultado das interações entre tecnologia, relações sociais e ambiente social. O modo pelo qual os campos são cultivados, ou as cidades são construídas expressa um quadro tecnológico e um quadro de relações sociais. O papel particular da Geografia é, justamente, o de oferecer categorização e conceituação de entes geográficos que sirvam à compreensão das interações dos três eixos, ou vetores, e da unicidade do movimento da história.

Um rápido olhar da sucessão relativamente recente de modos de produção descreve de forma esquemática a sua sustentação pelo tripé em pauta. Uma sucessão que se tem dado num ritmo em aceleração. Cerca de 800 anos para o feudalismo, 400 para o mercantilismo, 200, para o capitalismo.

● *mercantilismo*. No plano tecnológico, se enfatiza a utilização a vela triangular e a construção da caravela, como passo para a navegação oceânica, a descoberta das Américas e a intensificação do comércio mundial. Comerciantes e banqueiros são personagens antigas, porém, eles passaram a ocupar um lugar mais próximo aos governantes, fato tão bem retratado no *Mercador de Veneza* de Shakespeare. A própria obra citada, assim como outras produções culturais, expressa as múltiplas interações do mercantilismo. A descoberta das leis estatísticas da probabilidade, por exemplo, estaria associada às necessidades do cálculo do seguro, prática para cobrir perdas de cargas e que o mercantilismo introduziu (HOGBEN, 1939).

No plano geográfico, as cidades portuárias oceânicas, ou portuárias fluviais muito próximas da foz, passaram por grande crescimento econômico e

demográfico. Surgiu a Liga Hanseática, expressão política desta interação do econômico, do social e do geográfico, reunindo cidades europeias, como Hamburgo, Lubbock, Amsterdã e outras, além de Boston na América.

O capitalismo. A invenção da máquina é o ponto de partida para que o termo indústria assumisse um sentido restrito, aplicado à produção com utilização de máquinas. É também o ponto de partida e para a instalação do capitalismo e da divisão entre dinheiro e capital. Este passou a se dividir entre capital fixo, aplicado nos equipamentos e capital variável, utilizado para os insumos e para remuneração dos operadores das máquinas ou equipamentos. Instalou-se o ciclo do capital produzindo mercadorias, para que estas se transformassem em novo capital para o produtor, a chamada *acumulação capitalista*.

No plano das relações sociais, mencionam-se três dimensões. Uma se refere à expansão do comércio e dos serviços associados à produção industrial. A outra se refere à separação entre capitalistas, os detentores da posse das máquinas, e os operários, os que operam as máquinas. A terceira se refere a mudanças nas práticas da vida cotidiana e nos sistemas de educação e aprendizagem.

O modelo específico da divisão entre duas classes sociais, observado com a introdução da industrialização, se generalizou para todas as práticas econômicas empreendidas pelo setor privado da economia. Passou a se distinguir empreendedores, ou capitalistas, diretamente interessados no capital e na acumulação, e trabalhadores, ou assalariados, diretamente interessados na remuneração do trabalho.

Em termos geográficos, o desenvolvimento do capitalismo também apresenta várias dimensões. Uma se refere à expansão deste *modo de produção* por todo o globo terrestre, através de intercâmbios, o que atende ao princípio da acumulação. O mapa do mundo passou a apresentar uma diversidade regional fundada em diferentes *formações econômicas sociais*, resultantes da penetração da industrialização e do capitalismo em meios diferenciados historicamente. Neste mapa criado pelo desenvolvimento capitalista, uma área de grande concentração econômica foi estabelecida em torno do Atlântico Norte. O atual Tratado

do Atlântico Norte é uma herança de uma fase histórica do capitalismo.

Outra dimensão diz respeito a mudanças espaciais territoriais locais. A urbanização generalizada dos países é marca do seu desenvolvimento capitalista. Entre outros aspectos da urbanização, se menciona a formação de metrópoles, de regiões metropolitanas, de megalópoles, de redes urbanas estruturadas em múltiplos níveis de hierarquia, assim como, a grande diversidade de centros urbanos segundo funções assumidas, etc..

A globalização. O termo globalização já exprime em si a dimensão geográfica do movimento da história. Uma dimensão que se mostra claramente manifesta nas reafirmações da ciência social (SOJA, 1989).

Correntes de historiadores colocam em debate a utilização restrita do termo para os tempos atuais. Argumentam que em todos os tempos houve intercâmbio entre todas as partes do mundo. Considerando o isolamento das Américas até o século XVI, uma corrente "quinhentista" admite a globalização a partir dos mil e quinhentos. Contudo, neste artigo, considera-se apropriado restringir o termo para a contemporaneidade, servindo de argumento o fato do seu uso profuso atual pela mídia e a sua larga internalização pela população comum.

O computador pessoal e o satélite artificial são dois suportes importantes do vetor tecnológico que caracteriza a contemporaneidade como a *era da informatização*. Minutarização, robotização, naves espaciais, códigos genéticos decifrados e tantos outros progressos tecnológicos expressam o novo patamar atingido no eixo tecnológico e científico. Um desenvolvimento articulado com profundas mudanças nas relações sociais.

A questão da classe apresenta novos aspectos. Em certa medida, a posse do PC representa o trabalhador retomando o instrumento de trabalho. Por outro lado, diariamente, a mídia lança informações sobre o estado da economia no mundo e de suas diversas regiões cujo pleno entendimento exige graus elevados de conhecimento por parte das audiências. Fato que, somado a outros, caracteriza os tempos atuais como tempos da *sociedade do conhecimento*. Maior ainda é a exigência de conhecimentos para a gestão

contemporânea de empresas e de repartições, públicas e privadas. Esta seria uma das motivações para a enorme expansão dos gestores do capital, do número de executivos na economia e na administração, dotados de diplomas universitários. Um setor de espécie de híbridos, entre capitalistas e trabalhadores, aqui chamados de *capitalistas assalariados*, termo retirado do vocabulário do economista Michal Kalecki. Pois que, de um lado, podem ser exonerados de seus cargos, como qualquer empregado, e por outro lado, decidem sobre as estratégias de atuação dos seus órgãos, definem a composição e a remuneração do quadro de pessoal das empresas e das repartições que dirigem. Caso do Presidente e de diretores da Vale, da Embraer, da Petrobrás, do Banco do Brasil, etc.

Outra expressão alusiva às mudanças contemporâneas é a de *sociedade Cognitiva cultural* (SCOTT, 2011), com referência à difusão crescente do conhecimento científico e da cultura entre todas as camadas da população, fonte de expansão das chamadas indústrias criativas.

No plano geográfico as transformações não são menos expressivas. Considere-se a emergência do chamado BRIC, e o papel de Estados nacionais de dimensões continentais, em termos de área e de população; o norte do oceano Pacífico vem se tornando, como o Atlântico Norte, espaço de crescente densidade de intercâmbios comerciais. A urbanização e a metropolização são movimentos universais que integram a globalização.

Um aspecto a considerar é a separação entre espaços de domínio e de utilização exclusiva das grandes corporações e espaços utilizados por todas as categorias de empresas. Por exemplo, são espaços exclusivos de corporações certos terminais portuários especializados (como o que está sendo construído por Eike Batista no estado do Rio de Janeiro), ferrovias para transportes de minérios da Vale, *hubs*. No passado, o porto servia de suporte para a multiplicação de empreendimentos

no interior de sua cidade e o desenvolvimento urbano. Este não será, certamente, o caso de cidades que se tornam locais de infraestrutura especializada para grandes corporações, como o porto de Sepetiba.

Conclusão

Como vimos, o termo globalização encerra em si a ideia de geografia. Pode-se afirmar que a globalização é uma nova geografia, ou que uma nova geografia é a globalização. A Geografia aparece assim como uma área de conhecimento de grande importância para caracterizar os tempos atuais.

As mudanças em ocorrência nos tempos atuais também estão trazendo à baila a caracterização das atuais formações econômicas sociais. Milton Santos chegou a propor a expressão *formação econômica social e geográfica*. No entanto se julga desnecessário tal ajuste, uma vez que a palavra *formação*, composta de forma e de ação, já alude ao espaço e ao tempo.

Quando Marx batizou de capitalismo o modo de produção capitalista, este modo já vinha se desenvolvendo desde um século anterior. Foi necessária uma distância crítica, para a percepção, num mundo ainda povoado e governado de multidão de aristocratas e cabeças coroadas, que grandes mudanças já se encontravam em andamento. Sem pensar em Cuba ou na China, mas considerando apenas as mudanças apontadas nos países ditos capitalistas. As transformações tratadas neste artigo, além de outras, como a dos novos papéis assumidos pelo Estado em todo o mundo, já fazem pensar em movimento de fim do capitalismo. Pelo menos, o do capitalismo como era conhecido (GRAHAM e GIBSON, 2006). Estes autores citados são femininos. Aliás, a ascensão da mulher nas sociedades mais desenvolvidas é outro sinal dos novos tempos.

Bibliografia

BADIOU, Alain e ALTHUSSER, Louis, **Materialismo Histórico e Materialismo Dialético**, São Paulo. Global Editora e Distribuidora, 1979.

DELEUZE, Gilles, **A Lógica do Sentido**, 4ª edição, São Paulo, Perspectiva, 1998.

GODARD, Jean Luc, **Filme Socialismo**, França/Suíça, 2010.

GRAHAM, Julie e GIBSOB, Katherine, **The End of Capitalism (As We Knew It)**, Minneapolis, University of Minneapolis Press, 2006.

HAWKING, Stephen, **A Brief History of Time**, New York, Bantam Dell Publishing Group, 1988.

HEIDEGGER, Martin, **Ser e Tempo**, Petrópolis, Vozes, 1993

HOGBEN, Lancelot. *Les Mathematiques pour Tous*, Paris, Payot, 1939.

KONDER, Leandro, **A Questão da Ideologia**, São Paulo, Editora Schwarcz /Ltda., 2002.

MOREIRA, Ruy, **Pensar e Ser** em Geografia, São Paulo, Contexto, 2007

POULANTZAS, Nicos, Karl Marx e F. Engels, **A Filosofia e a História, 5 de 1780 a 1880**: 276-289, François Châtelet org. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.

SARTRE, Jean Paul, **L'Être et le Neant**, Paris, Gallimard, 1943.

SCOTT. Allen J, Capitalismo e Urbanização em uma nova chave? **GeoUERJ** 10 (2), Rio de Janeiro, UERJ, primeiro semestre de 2011.

SOJA, Edward, W, **Postmodern Geographies : The Reassertion of Space in Critical Social Theory**, London, Verdo Press, 1989.

VALLAUX, Camille, **Les Sciences Geographiques**, Nouvelle édition, Paris, Librairie Félix Alcan, 1929.